UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
THAINÁ TEIXEIRA MOTA

TORNAR-SE MULHER ANTES DO HUMANO: UMA LEITURA DO FILME SOB A PELE

Tubarão
2020

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

THAINÁ TEIXEIRA MOTA

TORNAR-SE MULHER ANTES DO HUMANO: UMA LEITURA DO FILME SOB A PELE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literatura.

Prof. Dr. Alexandre Linck Vargas (Orientador)

Tubarão

2020

THAINÁ TEIXEIRA MOTA

TORNAR-SE MULHER ANTES DO HUMANO: UMA LEITURA DO FILME SOB A PELE

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa em 7 de dezembro de 2020 por banca formada pelos professores Alexandre Linck Vargas (orientador e presidente da sessão), Alice Grosseman Mattosinho (avaliadora) e Yasmin Pereira Yonekura (avaliadora); e foi aprovado em sua versão final em 12 de dezembro de 2020 pelo professor Alexandre Linck Vargas (orientador) e pelo professor Fábio José Rauen (professor da Unidade de Aprendizagem Trabalho de Conclusão de Curso II), que assina a presente declaração representando os avaliadores e a Coordenação do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 12 de dezembro de 2020.

Dr. Fábio José Rauen
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta monografia a todos ao meu redor que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores, que desde o início do curso, contribuíram para esse momento, inspirando-me e aos outros colegas a continuarmos nossa jornada. Aos meus colegas de sala de aula, que em momentos difíceis, unem-se para conversar sobre os desafios e incentivar uns aos outros. Aos meus amigos e família, pois foi com o apoio de todos eles que eu obtive força para não desistir. Sou grata também pela ajuda do meu namorado, Higor, que está comigo desde o início do curso de Letras e nunca deixou de acreditar no meu potencial. E ao meu orientador, professor doutor Alexandre, por ter me motivado antes e durante o processo de escrita, pelas contribuições e apoio.

“Na verdade, como mulher, não tenho nenhum país. Como mulher, não quero nenhum país. Como mulher, meu país é o mundo inteiro” (Virginia Woolf).

RESUMO

Analiso nessa monografia como a protagonista do filme "*Sob a Pele*", uma alienígena chamada Laura, torna-se mulher antes de ser humana. Faço isso com base teórica nos estudos de gênero e pós-humanismo de Butler (2019), Beauvoir (2016a, 2016b), Despentes (2016), Braidotti (1994, 2013), Coccia (2010), além de "A Condição Humana" organizado por Novaes (2009). A metodologia é qualitativa, sendo uma análise fílmica de caráter exploratório, fundamentada a partir de pesquisa bibliográfica enquanto estudo de caso. A pesquisa mostra que a personagem, por meio da sua relação com o mundo, desenvolve-se como mulher, antes mesmo de se tornar humana. Sua humanidade nunca chega, mas Laura tem uma jornada onde devêm e morre como mulher.

Palavras-chave: Sob a Pele. Pós-humanismo. Gênero.

ABSTRACT

In this monography, I analyze how the main character of the movie Under the Skin, an alien called Laura, becomes a woman before being a human. I do that on a theoretical basis in gender and posthuman studies of Butler (2019), Beauvoir (2016a, 2016b), Despentes (2016), Braidotti (1994, 2013), Coccia (2010), in addition to "A Condição Humana" organized by Novaes (2009). The methodology is qualitative, being an exploratory film analysis, based on bibliographic research as a case study. The research shows that the character, through her relationship with the world, develops herself/itself as a woman, even before becoming human. Her humanity is never achieved, but Laura has a journey where she becomes a woman and dies as one.

Keywords: Under the Skin. Posthumanism. Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Laura passando batom vermelho na van 15
Figura 2 – Laura despe suas roupas para seduzir sua presa 18
Figura 3 – Mulheres que foram observadas por Laura 19
Figura 4 – Laura analisando seu corpo no espelho 20
Figura 5 – Corpo alienígena de Laura encarando sua pele humana 22
Figura 6 – Alienígena após perceber sangue em suas mãos e observando o vendedor 24
Figura 7 – Laura provando um bolo e batendo com os dedos em uma mesa 25
Figura 8 – Laura em uma loja usando uma jaqueta masculina 27
Figura 9 – Laura caminhando e, depois, caída entre as árvores 31
Figura 10 – Laura encarando sua dualidade como monstro e mulher 32
Figura 11 – Homem afundando no líquido hipnotizado com Laura 34
Figura 12 – Morte de Laura 35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **11**
2 GÊNERO **14**
3 PELE **23**
4 MONSTRO **30**
5 CONCLUSÃO **36**
REFERÊNCIAS **37**

1 INTRODUÇÃO

O filme Sob a Pele (2013), dirigido por Jonathan Glazer e estrelado por Scarlett Johansson, é baseado em um romance homônimo escrito por Michel Faber. A história acontece em Glasgow, Escócia, onde uma alienígena, chamada Laura, apresenta-se como uma mulher bonita e charmosa que dirige uma van e oferece carona para homens solitários e usa de sua sensualidade para atraí-los a uma casa onde há uma espécie de líquido que afoga os homens, sugando suas entranhas e deixando somente a pele.

O filme começa com a personagem aprendendo a língua inglesa e tirando as roupas de uma outra mulher, que não sabemos quem é, e as vestindo. Posteriormente, ela vai até um shopping e faz compras para que possa seguir com sua jornada de predadora. Para se locomover ela usa uma van e dirige pela cidade, parando ao lado de homens e os fazendo perguntas para saber se são sozinhos e vulneráveis para seu objetivo. Quando ela consegue seduzir os homens, ela os leva a uma casa, ~~que~~ ao entrar pela porta, ~~onde~~ tudo lá dentro é preto. Eles a seguem enquanto ela se despe, parecem hipnotizados, e vão afundando em um líquido escuro e espesso, sem perceberem. Dentro do líquido, as entranhas dos homens são sugadas, deixando somente suas peles boiando no local. Aparentemente, são com essas peles que os alienígenas vêm para a Terra. Toda a motivação dos alienígenas nessa caça é um mistério, inclusive o nome da personagem, Laura, é informado apenas uma vez e não sabemos se ela realmente tem um nome.

Ao longo do filme, é possível perceber que ela vai se transformando através de sua relação com o outro – o mundo terrestre e os homens – e isso a leva a uma jornada de busca ao que ela é. A alienígena quebra alguma regra ao libertar um homem – deficiente físico – do líquido escuro e foge, deixando a van no meio do caminho, e para em um local para tentar comer um bolo, mas não consegue engolir.

Em seguida, Laura pega um ônibus e, por parecer desorientada, um passageiro a oferece ajuda e ela aceita. Ela fica na casa desse homem, ele oferece comida, cama e a leva para passear em um castelo no dia seguinte. Eles tentam ter relações sexuais, mas a anatomia de Laura mais uma vez não a permite de experimentar seus desejos. Ela, então, vai embora. Ao vagar sozinha por uma floresta e encontrar uma cabana aberta a visitantes, acaba adormecendo. Acorda com um homem passando a mão em suas pernas, ela grita e corre, o homem a segue. Ele a alcança e começa a tentar tirar as roupas de Laura, para tentar estuprá-la. A alienígena resiste e o homem acaba rasgando a pele dela, revelando que por baixo da pele humana seu

interior é inteiramente preto. Ele foge assustado, mas logo retorna e joga nela gasolina e um fósforo. Laura caminha em direção a neve enquanto queima, mas acaba morrendo.

A intenção deste trabalho é fazer uma leitura do filme Sob a Pele, mas que, quando concluído, possa ir além e relacionar com a vivência diária contemporânea e com a história das mulheres. Para fazer isso, vou analisar como o filme coloca as construções de gênero por meio de uma alienígena com base no pós-humanismo e nas teorias de gênero. Buscarei entender como a personagem de Sob a Pele se torna mulher antes de ser humana. Nesse caminho, o que é ser mulher diante da sociedade machista atual? Butler (2019, p. 31) afirma que "as mulheres são o sexo que não é 'uno' [...] representam o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade linguísticas.". Em comparação com o homem, a mulher é a negatividade, o Outro. Assim, a mulher é vista como o gênero impensável e para ser mulher de verdade, segundo Beauvoir (2016a), não basta ter o corpo feminino, mas é necessário aceitar a condição de outro que a cultura patriarcal impõe.

Mas para compreender melhor a personagem e o que faz dela uma não-humana, o que é ser humano? Segundo Novaes (2009, p. 25) "O humano é constituído da ideia de experiência [...] humano e experiência andam juntos. É a experiência que dá sentido ao homem, ideia impressa na própria palavra – sair de si rumo ao exterior [...] é isso o existir como humano. Sair de si para entrar em si.". A ideia de humano foi construída e desconstruída diversas vezes durante os séculos, mas é importante frisar que não há uma essência humana única, uma definição generalizadora que englobe toda a humanidade com um único conceito. Porém, a nossa relação com o mundo exterior é aquilo que nos constitui.

O método desta monografia é qualitativo, embasada em pesquisa bibliográfica, uma análise fílmica de caráter exploratório enquanto estudo de caso. Analisarei meu objeto de estudo, o filme Sob a Pele, pelas teorias de gênero, usarei principalmente Butler (2019) e Beauvoir (2016) para compor a análise do estereótipo feminino e a visão da sociedade sobre a mulher. Ambas afirmam que o gênero é uma construção social e não advindo do sexo que nascemos. Mas também usarei Despentes (2016) que traz suas experiências de vida para discutir a vivência da mulher a partir dos anos 70. Já para falar de pós-humanismo, vou usar Braidotti (1994, 2013) e Novaes (2009), que tem como conceito que a teoria pós-humana "is a generative tool to help us re-think the basic unit of reference for the human in the bio-genetic age known as 'anthropocene'"[1] (BRAIDOTTI, 2013, p. 5).

---

[1] "é uma ferramenta generativa para nos ajudar a repensar a unidade básica de referência para o humano na era biogenética conhecida como 'antropoceno'" (BRAIDOTTI, 2013, p. 5, tradução minha)

Para aprofundar minha pesquisa, procurei também se o filme Sob a Pele foi analisado por outros pesquisadores. Procurei pelas palavras-chave Sob a Pele e Gênero no Google Acadêmico e encontrei o artigo dos autores Cavalcante e Magalhães (2017, p. 1) que em "Sob a pele: De organismo à Corpo sem Órgãos através da produção de presença" buscaram traçar "um caminho evolutivo do corpo da personagem principal do filme Sob a pele (2014) e as mudanças que sofre através do uso dos sentidos e dos encontros afetivos" com base em Deleuze e Gumbrecht. Já Vieira (2016, p. 85) reflete no artigo "Relativa vulnerabilidade: gênero e natureza humana no filme 'Sob a Pele'" "sobre a inversão do que caracteriza a vulnerabilidade humana fora de uma perspectiva consolidada pela dominação masculina" e "vulnerabilidade do gênero masculino diante da ameaça de uma consciência inumana, que pretende capturar seus corpos.". Também encontrei Suppia (2018), que foi para o caminho da ficção científica em seu artigo intitulado "A função da 'atmosfera' e o efeito de 'fantástico' no cinema de ficção científica lo-fi contemporâneo: os casos de Love, Sound of my Voice e Under the Skin" investiga "o cinema de ficção científica lo-fi contemporâneo à luz dos conceitos de 'atmosfera', nos termos de H. P. Lovecraft (2011), e de 'fantástico', nos termos de Tzvetan Todorov (2008)."(SUPPIA, 2018, p. 127).

Pesquisando as palavras Under the Skin e Gender no Google Acadêmico, acabei encontrando também a autora O'Brien (2016) que preferiu, em sua tese, explorar o significado de tornar-se mulher em "Becoming Female: Mirroring Identity in Jonathan Glazer's Under the Skin" através da análise de cenas do filme onde a câmera funciona como um espelho enquanto o espectador assiste ao filme, ela usa teorias de Lacan e de De Lauretis. Por fim, Hettinga (2016) no artigo "Encountering Unruly Bodies: Posthuman and Disabled Bodies in Under the Skin" busca mostrar como o filme Sob a Pele implanta uma nova perspectiva na maneira como olhamos corpos marginalizados e a representação da deficiência física, por meio do humanismo e inspirada pelo trabalho de Alison Kafer.

Na minha pesquisa, pretendo focar a análise do filme a partir da personagem alienígena e a construção de gênero nela fixada por usar a pele de uma mulher, procurando entender como ela, ao longo do filme, torna-se mulher antes de ser humana. Este artigo terá três capítulos: Gênero, Pele e Monstro. No capítulo intitulado Gênero abordarei as questões da performatividade feminina da personagem alienígena e sua jornada como devir-mulher. Em Pele, vou falar sobre como o sensível afeta Laura e as relações da personagem com o espelho e roupas. Monstro será sobre sua monstruosidade como alienígena e mulher.

2 GÊNERO

O que quero dizer quando afirmo que a personagem alienígena é mulher antes de ser humana? De forma literal, ela não é nenhum dos dois, mas ela torna-se mulher por meio de características tidas como femininas que demonstra ao longo da trama. Entretanto, em nenhum momento ela humaniza-se, mas com certeza ela "mulheriza-se". Beauvoir (2016b, p. 11) fala que "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.", essa frase tornou-se um ícone nos estudos de gênero e Butler (2019, p. 69, grifo da autora) comenta sobre ela: "Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher decorre que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim". Ou seja, há um devir mulher da personagem alienígena ao longo do filme.

Os devires são como caminhos a seguir e conforme Deleuze e Parnet (1998, p. 3) dizem "devir é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade". Devir não é sobre repetir, mas sim, sobre possibilidades. Laura imita as mulheres de princípio, por isso chamamos de performatividade, mas quando ela se torma mulher isso quer dizer que está em processo, em construção de se tornar essa mulher que nada tem de essencial, pois "à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio." (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 3)

Portanto, isso não quer dizer que eu e outras mulheres somos reduzidas a nosso próprio gênero. Butler (2019, p. 21) esclarece que "se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; [...] resulta que se tornou impossível separar a noção de 'gênero' das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.". Isso se dá porque o contexto histórico também influencia o desenvolvimento, assim como as conexões com raça, classe, etnia, orientação sexual e região onde o indivíduo nasceu. O gênero faz parte de um conjunto de condições que nos moldam no lugar definido pela sociedade. O próprio conceito mulher existe por um princípio de dominação, ou seja, torna-se impossível separar a construção do que é ser mulher do sujeito mulher.

É importante destacar que Butler (2019) deixa claro que a unidade de gênero só existe por conta de uma heterossexualidade compulsória em nossa sociedade e que, dentro da relação binária do gênero, a mulher é a ausência, a falta da masculinidade, sendo sempre o Outro. Butler (2019, p. 26) também questiona a noção de sexo/gênero

> Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de 'homens' se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo 'mulheres' interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição [...], não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número dois.

Ela também indaga se o sexo é mesmo de fato natural e biológico ou se mais um discurso de uma suposta natureza anterior à cultura. Butler (2019) afirma que o gênero não deve ser lido por conta do sexo biológico, que não é tão fixo como na biologia, mas que o destino do nosso gênero é construído culturalmente. É a partir dessa construção cultural que se criam os estereótipos femininos e masculinos para serem performados.

O filme começa com a personagem principal aprendendo palavras da língua inglesa por repetição. Após essa cena, ela surge tirando a roupa de uma mulher morta e a veste. Uma de suas primeiras ações na terra é ir a um shopping e fazer compras, ela escolhe um casaco de pelo, uma blusa rosa, calça jeans, botas de salto alto preta e um batom vermelho. Observo nessa cena que a personagem admira outras mulheres que estão na loja testando maquiagens, percebendo suas reações com os resultados dos produtos. Laura sai do shopping já vestindo suas roupas novas para dar início a sua caça como predadora de homens.

Figura 1 – Laura passando batom vermelho na van

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Ao chegar na van, Laura passa o batom vermelho com um pequeno espelho de pó-compacto de forma lenta e garantindo a cobertura completa do batom na boca. Essa é a primeira vez que ela faz uso do batom e ele se torna um item ícone em sua caracterização. O espelho

aparece aqui como um item mundano, que não lhe causa nenhuma estranheza, mas percebo mais para frente como isso muda.

> A ação de gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é uma forma mundana e ritualizada de sua legitimação. (BUTLER, 2019, p. 242, grifo da autora).

Logo, a performance repetida de Laura pode ser entendida por ela ter aprendido, antes de vir para a Terra, como o gênero feminino deve se comportar para que ela seja aceita na sociedade. As roupas de Laura dizem muito sobre sua ação, passar despercebida com itens básicos – calça jeans e blusa básica rosa – mas ser sensual com batom vermelho, salto alto e um casaco de pelo luxuoso. Sua aparência é ~~algo~~ de extrema importância para sua ação e sua caracterização como mulher, mas percebo que ao longo da trama, ela vai perdendo essas características marcantes: o batom vermelho e o casaco de pele, quanto mais a personagem perde sua performatividade, mais ela se sente mulher. Seu nome – ou possível nome, já que não sabemos se é verdadeiro – é mencionado somente uma vez durante a trama e solto a esmo em uma conversa rápida, o que pode ser outro traço de sua performatividade.

Na narrativa, a alienígena dirige por Glasgow, Escócia, em uma van, a qual ela para quando avista homens sozinhos. Ela conversa com esses homens tirando dúvidas sobre endereços, mas após isso começa a puxar assunto para sondar se são alvos fáceis. Faz questionamentos como: se são solteiros, moram sozinhos, qual a profissão. Se os homens se mostram vulneráveis ela oferece carona e conforme a conversa, se demonstram interesse, ela os leva para uma casa. Ao entrar, ela vai tirando a roupa enquanto o homem a segue, ele afunda em um líquido lentamente e sem perceber, por estar hipnotizado com o corpo da mulher, acaba completamente dentro do líquido. Laura é uma predadora, ela caça esses homens com sua sensualidade e os mata afogados. Esse ritual se assemelha muito as lendas de sereias, que são figuras mitológicas que também hipnotizam os homens e estão ligadas à sedução e beleza feminina. Sua performance da feminilidade é usada ao seu favor para deixar os homens solitários com desejo e hipnotizados por ela.

Fica aberta à interpretação no filme se são alienígenas vestidos de peles de homens que comandam a caça à pele humana que os alienígenas vestidos de mulheres fazem. É impossível saber se esses alienígenas têm gênero como em nosso mundo, mas percebo que independentemente disso, são os alienígenas que se vestem de homens que dominam os que se vestem de mulheres. Não fica claro a motivação desses personagens ou como isso funciona,

porém vemos em uma cena que um alienígena/homem faz uma inspeção na personagem principal, alienígena/mulher, para ver se ela vem seguindo as regras. Apesar de serem seres de outro planeta, o sistema de opressão funciona de maneira análoga ao nosso.

Sendo assim, o lugar do feminino na sociedade sempre foi estabelecido por homens, da maneira que os convém melhor. Tornam a mulher uma escrava da necessidade do homem, "ela não tem uma identidade, e tampouco permuta uma identidade por outra. Ela reflete a identidade masculina, precisamente por ser o lugar de sua ausência." (BUTLER 2019, p. 77, grifo da autora). A mulher, por fim, resume-se a uma ferramenta masculina, que ela sem identidade própria, reflete a identidade do homem para preencher a falta. Ela é o outro.

> E, enquanto outro, ela é também outra e não ela mesma, outra e não o que dela é esperado. Sendo tudo, ela nunca é isso justamente que deveria ser; ela é perpétua decepção, a própria decepção da existência que não consegue nunca se atingir nem se reconciliar com a totalidade dos existentes. (BEAUVOIR, 2016a, p. 267).

A mulher é para o homem o Outro, isso não ocorre por conta de seu destino biológico, psíquico ou econômico, mas é a sociedade que elabora esse conceito e "somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro." (BEAUVOIR, 2016b, p. 11). E é a partir da posição de Outro na mulher que o homem alcança sua virilidade e seu sucesso, para o homem "a mulher é o Outro em que o sujeito se supera sem ser limitado [...] ela é tão necessária à alegria do homem e a seu triunfo, que se pode dizer que, se ela não existisse, os homens a teriam inventado." (BEAUVOIR, 2016a, p. 253).

Há um momento em que a personagem vai atrás de um surfista em uma praia. Quando ele sai da água e os dois estão conversando, um casal que está próximo se afoga e o surfista tenta salvá-los. O casal e o surfista morrem, mas o filho do casal – que é um bebê – está sozinho na praia chorando, Laura arrasta o corpo do surfista para que seu colega alienígena o pegue. Enquanto o bebê chora, a personagem não demonstra qualquer incômodo, indo embora e deixando-o sozinho. É bastante perturbador de assistir, isso me fez questionar: o que eu esperava dela?

Laura não tem nenhuma empatia com humanos, isso fica claro pois ela os "caça" e mata o surfista com uma pedrada na cabeça. Qual seria a diferença com uma criança? A sociedade espera um instinto materno natural das mulheres e esse efeito se reproduziu ao assistir aquela personagem deixando o bebê sozinho, mesmo eu sabendo que não existe humanidade nela. Mas Butler (2019, p. 160-161) entende que "o que é aceito como 'instinto materno' pode bem ser um desejo culturalmente construído, interpretado por via de um vocabulário naturalista".

Despentes (2016), por sua vez, alega que a maternidade compulsória é fruto de uma propaganda forte das maravilhas de ser mãe e da experiência essencial da mulher, mesmo com poucas condições de criar uma criança, a sociedade afirma que "a felicidade feminina não existe sem filhos" (DESPENTES, 2016, p.18). Por consequência, essa ideia coletiva de que a mulher só se torna completa por meio da maternidade, fez-me esperar o impossível de uma personagem que não é humana, mas sofre com a sujeição de estereótipos femininos.

Percebo que Laura tem uma expressão muito séria em quase todo momento que está sozinha, mas isso muda quando ela aborda algum homem para fazer perguntas e seduzi-lo. Ela torna-se risonha, elogia os homens, olha nos olhos deles e mostra a sua vulnerabilidade como mulher para que eles pensem que eles são os predadores – ou conquistadores – e a mulher a vítima, porém tudo isso faz parte do jogo de sedução de Laura. Despentes (2016, p. 66) explica que o ato de sedução é fácil pois "se trata essencialmente de reconfortar os homens a respeito de sua virilidade por meio do jogo da feminilidade.". Desse modo, é isso que a personagem faz, reafirma a masculinidade do homem para que ele se sinta no poder, o que o torna ainda mais vulneráveis a sensualidade dela.

Figura 2 – Laura despe suas roupas para seduzir sua presa

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Esse jogo da feminilidade que seduz os homens ao líquido é usado no filme de maneira delicada e objetiva. As cenas são feitas em Meio Primeiro Plano (MPP), onde mostra os movimentos da personagem, mas ao mesmo tempo traz proximidade a ela. Seus movimentos são lentos e a câmera aproxima-se dela, dando uma sensação mais próxima a ação da personagem.

Ao longo da trama, vemos que algo na personagem vai mudando. Um dos primeiros sinais de um estranhamento com o mundo é quando ela está parada no trânsito e um vendedor de rosas a entrega uma, após ela percebe que ele está arrumando uma bandagem na mão que está machucada pelos espinhos das rosas. Isso impacta ela de alguma maneira. Logo depois ela dá carona para um homem – uma presa – e mesmo se esforçando para ser simpática seu olhar mostra que ela está com a mente longe da situação.

A personagem alienígena mais uma vez aplica o batom vermelho, mas agora, para ser inspecionada pelo alienígena masculino, que a auxiliou na chegada no planeta Terra no início do filme. Isso faz parte de sua caracterização feminina e por isso é tão importante que ela reaplique o batom. Após esse momento, ela caminha na rua distraída e acaba tropeçando, alguns homens demonstram gentileza e preocupação com ela e a auxiliam a levantar.

Figura 3 – Mulheres que foram observadas por Laura

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

As cenas seguintes mostram a personagem não mais olhando corpos masculinos nas ruas buscando sua próxima vítima, mas repara nas mulheres e a maneira com que elas se comportam. Talvez identificando um padrão de feminilidade? Ou procurando uma conexão feminina? A personagem não interage com outras mulheres, podendo ser uma analogia ao fato de as mulheres viverem em função dos homens e serem alienadas em relação a outras mulheres.

Em uma madrugada enquanto ela procura uma nova vítima, ela vê um homem e oferece carona, ele relutantemente aceita. Ao entrar no carro vemos que ele tem uma doença que faz com que seu rosto seja deformado e mostra uma insegurança muito grande. Identificando isso, a alienígena oferece toque físico e ele aceita, ela toca a mão dele, depois o seu rosto e acaba o levando para casa dela. Laura parece fazer o ritual de afogamento com ele, como fez com os demais homens. Ela sai dessa sala onde ocorreu o ritual, desce as escadas e para em frente a um espelho. Por um longo tempo ela encara o espelho, a cena seguinte é ela abrindo a porta para libertar o homem deficiente que foge.

Laura abandona a van e caminha até uma pequena vila onde resolve provar uma torta. Devido ao fato de agir diferente desde o contato com o homem deficiente, minha interpretação é de que ela está testando os limites de um possível sentimento humano. Por fim, ela não consegue comer e frustra-se. É nesse momento fugaz que percebo que ela não está mais usando o batom vermelho e o casaco de pelo, pois esqueceu ambos na van, dando a impressão de que eles se tornaram inúteis para ela. A personagem pega um ônibus e está claramente transtornada, então um homem, único passageiro, resolve ajudá-la. A alienígena aceita a ajuda e vai até a casa dele. Lá ele oferece comida – a qual ela não come – e um quarto para dormir.

Figura 4 – Laura analisando seu corpo no espelho

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Antes de dormir, ela tira a roupa e analisa o corpo nu em frente ao espelho. Ela toca seu corpo, brinca com as articulações e diverte-se com isso. De acordo com meu olhar sobre o filme, isso é como uma forma de entender sua existência, identidade e feminilidade. Essa fixação com o espelho é bastante curiosa, Lacan (1996) fala que crianças de seis meses a um ano e meio tem a tendência de olharem-se no espelho para terem uma noção de corpo uno e para entenderem os limites desse corpo.

> A imagem especular parece ser o limiar do mundo visível, a nos fiarmos na disposição especular apresentada na alucinação e no sonho pela *imago do próprio corpo*, quer se trate de seus traços individuais, quer de suas infirmezas ou suas projeções objetais, ou ao observarmos o papel do aparelho especular nas aparições do duplo em que se manifestam realidades psíquicas de outro modo heterogêneas. (LACAN, 1996, p. 99, grifo do autor).

O espelho é simbólico, mas cria a sensação desse eterno duplo – nosso reflexo – que nos acompanha a vida toda. É a partir dessa sensação, de idêntico, que desenvolvemos a nossa identidade. Conforme Lacan (1996, p. 98, grifo do autor) "basta-nos compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.". Portanto, a imagem do corpo refletida nos dá uma noção do eu. Laura, então, experimenta dessa sensação de entender sua existência e quais os limites do próprio corpo. É por meio do espelho que ela concretiza sua transformação em mulher.

Na casa do homem que a ajudou, após darem um passeio em um castelo antigo, eles começam a se beijar e tentam ter relações sexuais, mas a alienígena não tem a anatomia feminina completa e por isso não consegue saciar seu desejo. Esse desejo não parece ser sexual, mas um desejo de buscar sentir e testar os limites do seu corpo. Ao perceber essa impossibilidade ela fica em choque, sua primeira reação é olhar o local da genitália feminina, então se frustra. Com essa cena, sinto como se Laura tivesse tido a sexualidade roubada e isso aparenta entristecê-la.

Depois desse episódio, Laura foge para a floresta e fica vagando por lá. Encontra um homem que a alerta sobre os perigos das trilhas durante a chuva e a orienta sobre a melhor forma de caminhar na floresta. A personagem encontra uma cabana – que foi deixada para receber trilheiros da floresta – e resolve descansar. Acorda com susto, pois o mesmo homem que ela encontrou na floresta mais cedo está passando a mão em suas pernas e com medo ela corre da cabana. Mesmo assim, o homem a alcança e começa a tentar estuprá-la, puxando suas roupas enquanto ela se debate. Porém ele rasga a pele dela, revelando seu interior preto, o corpo de alienígena, e foge assustado.

Figura 5 – Corpo alienígena de Laura encarando sua pele humana

Fonte: *Sob a Pele* (2013).

A pele de Laura cai e ela segura o rosto humano nas mãos. Enquanto o encara, ela observa a mulher que ela foi. A personagem foi atacada, assim como muitas mulheres são. Despentes (2016), falando sobre seu próprio relato de estupro, diz que "naquele momento preciso, me senti mulher, sujamente mulher, como até então nunca tinha sentido e como nunca mais senti." (DESPENTES, 2016, p. 39). E essa foi Laura, que em toda trama desenvolve-se mulher, utiliza da sensualidade feminina para fazer sua ação, cria curiosidade pelo corpo feminino para no final, sofrer do maior medo que uma mulher sofre. Enquanto Laura está parada, o homem volta e joga gasolina nela e um fósforo, ela corre para a neve pegando fogo, mas acaba incinerada.

Portanto, é possível perceber sua transformação ao longo do filme. No início sua performatividade feminina é muito nítida, através de suas roupas e atitudes predatórias, mas seus movimentos repetitivos para de devir mulher e sua caracterização cheia de feminilidade vão se perdendo ao longo do filme conforme ela vai se tornando mulher.

3 PELE

É somente por conta do sensível que o humano sobrevive. O sensível engloba tudo o que os sentidos podem captar: ver, ouvir, sentir e saborear o mundo. Porém, esse sensível existe, não por conta do ser humano, mas é independente dele. A imagem sensível está no intermediário, ou seja, entre o objeto e o sujeito. Em níveis diferentes, o sensível alcança os seres viventes e não viventes. Deste modo, os animais e os homens são atingidos pelo sensível de maneiras distintas, um animal que segue seus instintos e não tem linguagem ou arte, interage menos com a imagem sensível. O homem sobrevive somente por conta da sua experiência com as sensações, ou seja, viver demanda o sensível. Coccia (2010, p. 10, grifo do autor) considera que "o sensível [...] define a nossa vida enquanto ela não tem nada de *especificamente* humano.". Portanto, é por meio do sensível que experenciamos o que é ser humano, o que é existir. As imagens são, então, como manifestações da vida.

A personagem Laura, uma alienígena, é atravessada por esse sensível que se encontra além dela. Muitas vezes, é através de sua observação sobre os homens que ela observa o ingresso no sensível. Em uma cena do filme *Sob a Pele* (figura 6, mais adiante), ela está em sua van no trânsito quando um vendedor de rosas se aproxima e a entrega uma rosa, afirmando ser de um outro motorista. Ao colocar a rosa ao seu lado no banco, percebe que suas mãos estão sujas de sangue, não dela, mas ao olhar ao vendedor ela constata ser dos machucados dos espinhos das rosas. O sentido, neste caso o tato, do outro a causam curiosidade. Por não ter essa humanidade, os espinhos não a afetam, mas afetam o vendedor.

Há outras duas cenas onde a Laura experimenta seus sentidos por intermédio do sensível. Em uma delas (figura 7, mais adiante), duvidando de sua não humanidade e buscando sentir algo, ela está em um restaurante e tenta comer um bolo, porém ao colocar na boca e engolir ela não consegue, provavelmente por não ter um corpo humano e não possuir um organismo preparado para ingerir e digerir alimentos. Em um outro momento, na casa do homem que a oferece ajuda, ele põe uma música para tocar e enquanto seca a louça bate os pés no chão no ritmo da música. Laura contempla essa ação do homem e parece tentar testar o mesmo. Em um plano detalhe, seus dedos aparecem batendo lenta e discretamente em uma mesa, buscando imitar o homem, na batida da melodia.

Ambas as cenas são em plano detalhe, focando nas partes do corpo da personagem que fazem uso dos sentidos. As cenas em plano detalhe acontecem diversas vezes no filme o que torna a personagem fragmentada. Esse desmembrar desfazem o corpo dela e o filme a

constrói em pedaços, mas nunca chegando a realmente com uma imagem completa. Ela se torna mulher por conta de destruição da própria imagem. O corpo desfragmentado é também um corpo aberto disposto a se conhecer e entender o que ele é capaz sensivelmente.

Durante o filme, então, percebo que a personagem Laura vai se encontrando com esse sensível. A partir daí, o espelho passa a ter um papel importante. Em diversas cenas, a alienígena encara o espelho, seja para retocar a maquiagem ou como maneira de descobrir-se. O espelho a transforma em imagem, em algo completamente sensível. Coccia (2010, p. 19-20) fala que "é no espelho que conseguimos devir sensíveis e é ao espelho (e não exatamente aos nossos corpos) que demandamos nossa imagem; é apenas depois de termos pronunciado alguma palavra que podemos ouvir aquilo que dizemos". Sendo assim, o espelho é a maneira que Laura entende sua imagem e se reconhece.

Figura 6 – Alienígena após perceber sangue em suas mãos e observando o vendedor

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Figura 7 – Laura provando um bolo e batendo com os dedos em uma mesa

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Para a alienígena, o reconhecimento da sua forma sensível se dá através do espelho e é por meio dele que ela enxerga quem ela vem a ser, em outros termos, o espelho é a pele em que Laura habita.

> No espelho, encontramo-nos sendo uma pura imagem, descobrimo-nos transformados no ser puro imaterial e inextenso do sensível, enquanto nossa forma, nossa aparência, passa a existir *fora* de nós, *fora* de nosso corpo e *fora* de nossa alma. Com isso, podemos concluir que a imagem (o sensível) não é senão a existência de algo fora do próprio lugar. *Qualquer forma e qualquer coisa que chegue a existir fora do próprio lugar se torna imagem*. (COCCIA. 2010, p. 22, grifo do autor)

Essa personagem não-humana mostra que não existe uma essência feminina, mas maneiras de ser mulher. São os modos de ser que radicalizam esse sensível. Em sua

performatividade feminina: cabelo, maquiagem, roupa e atitudes, percebo o espelho tendo grande papel nisso. Tanto no início do filme quando ela usa o espelho para conferir se sua aparência está dentro do esperado, quanto mais no final quando essas características estéticas femininas vão se perdendo, é pelo espelho que ela percebe essa mudança de pele.

Segundo Coccia (2010), a humanidade denomina de vida o que podemos associar com um costume e com uma moda. Não ter substância e adotar a substância por meio de um costume é o que faz um vivente. Estar vivo é ter modos de ser "algo", não necessariamente ter um ser "essencial" que retrata o que é ser humano. A substância da alienígena é, então, absorver o costume e moda humana para poder realizar suas ações aqui na Terra. Então, "vive apenas aquele que não tem um ser, mas apenas modos de ser." (COCCIA, 2010, p. 79) Desse modo, sua aparência vai além de apenas sobrevivência, mas é sua maneira de ser mulher. A aparência da personagem é, também, sua performatividade, a roupa que ela usa faz parte de sua maneira de ser do gênero feminino.

Nesse sentido, essa substância feminina não é o suficiente para definir a personagem, é uma construção discursiva, mas não define quem essa alienígena é. Ninguém é essencialmente alguma coisa, portanto, ela não tem encontro com a essência mulher, mas com o devir mulher. É sempre um trânsito. O sensível é uma experiência do fora, de um deslocamento constante, que é exatamente o que acontece com Laura no filme: um deslocamento físico, mas também de performatividade.

Logo no início do filme Sob a Pele, Laura vai ao shopping e faz compras de novas roupas e maquiagem para que possa seguir com suas próximas ações. Ela usa então, durante quase todo o filme, um casaco de pelo, blusa rosa, calça jeans e botas pretas. Essa caracterização é então essa pele por qual a alienígena se reconhece durante o filme. A humanidade usa roupas, para além da necessidade de se proteger, mas como forma de criar uma identidade. Para Laura, ser mulher é vestir uma roupa, principalmente porque ela não troca de roupa.

> Toda roupa satisfaz necessidades naturais precisas, tais como a proteção do frio ou a defesa contra agentes atmosféricos específicos, e responde a exigências naturais. Pode conferir identidade, marcar uma diferença social e espiritual em relação ao resto dos homens, elevar ou rebaixar simbolicamente um indivíduo em relação a todos os outros. (COCCIA, 2010, p. 80)

Dessa maneira, a roupa de Laura confere a ela a identidade de mulher e a rebaixa socialmente conforme o gênero feminino é tratado na atualidade. Ela, mesmo não sendo mulher, vai passar por coisas que mulheres passam por conta dessa roupa, dessa pele. Coccia (2010) alega que a roupa estabelece a relação que nós vamos ter com o mundo e que é a partir de vestir

uma roupa que viemos a ser algo no mundo. Portanto, vestir uma roupa é utilizar de um objeto para preencher nosso corpo, roupa essa que não é como nosso corpo anatômico, mas nos faz aparecer. Vestir-se "significa efetivamente ter um corpo que precisa de outros corpos para poder aparecer, um corpo que aparece de maneira mais autêntica e verdadeira quando se apropria daquilo que não é." (COCCIA, 2010, p. 91)

A perda do casaco de pelo e da maquiagem, quando ela se distancia das suas ações, faz parte do desenvolvimento da personagem e, também, da sua identidade como mulher. Nessa jornada ela parece parar de se preocupar com a performatividade feminina, com essa fantasia de mulher, é onde percebo que ela mais encontra com o "tornar-se" mulher, procurando as sensações e sentidos no pretender comer um bolo em uma cafeteria, no encarar o espelho nua e brincar com sua pele e articulações quando chega na casa do homem que a auxilia, quando tenta ter relações sexuais com esse homem em uma noite – e não consegue - e posteriormente na tentativa de estupro que ela sofre.

Figura 8 – Laura em uma loja usando uma jaqueta masculina

Fonte: *Sob a Pele*, 2013

Ao usar uma jaqueta masculina emprestada do homem que a ajuda, sua aparência inteira, sua identidade, altera-se um pouco. Essa "troca" de roupa faz parte da evolução que percebo da personagem conforme torna-se mulher. Então, no início do filme, a personagem usa a performatividade feminina como uma fantasia de mulher, mas, com o tempo, essa roupa a sensibiliza. Por usar uma roupa por muito tempo que ela devém mulher.

A ação de encarar o espelho nua é bastante significativo no desenrolar dessa personagem como mulher. Na cena onde ela tira a roupa e fica em frente ao espelho fitando seu

corpo e brincando com as articulações é quando ela tem mais uma experiência de si mesma como imagem, aqui com o corpo anatômico, sem a roupa preenchendo seu corpo. Para Coccia (2010, p. 88, grifo do autor) é "*graças a nossa "nudez", vivemos fora de nós mais do que em nosso corpo, somos veiculados por uma parcela de mundo extrínseca (e de todo separável) mais do que pelo nosso corpo anatômico*.". Ou seja, a nudez da personagem mostra que, pela roupa, ela vive fora de si mesma, sua existência se dá pela roupa que veste e pelo gênero que performa.

Em uma cena, que parece ter sido o impulso para a personagem iniciar sua trajetória de abandonar as obrigações como alienígena e seu devir mulher vir de encontro a ela, Laura aborda um homem que é deficiente físico, possuindo uma deformação no rosto. Aos poucos conversando com ele e tentando fazê-lo vulnerável, ela oferece a ele um toque no rosto, já que ele afirma que nunca recebeu um. Após a conversa, o homem cede e a personagem consegue levá-lo para a casa onde tem o líquido que afoga os homens. Fica em aberto no filme o que acontece com ele. E, ao sair do local onde está o líquido e descer uma escada, ela fita um espelho no fim do corredor. Ela encara sua semelhança com o homem, não por conta da deformidade, mas em razão de ser esse outro. Então, o filme a mostra libertando-o, que corre.

O rosto tem um poder de comunicar aquilo que sou, além de fazer isso esteticamente, no sentido de aparecer, ele o faz de forma ética, mostrando como devo me comportar diante desse rosto. A personagem Laura é comunicada a partir do rosto do homem deficiente sobre a alteridade dele, mas também a sua. Ela se identifica não por serem iguais, mas justamente por conta de suas diferenças, principalmente em relação ao padrão imposto. Para Butler (2011, p. 28) "aquele com quem me identifico não sou eu e esse "não sendo eu" é a condição da identificação.".

Ela agiu com indiferença com os outros homens que ela atraiu e afogou, mas com o homem deficiente ela sentiu uma espécie de culpa, de perda daquele outro devido ao contato que ela estabeleceu com ele. Essa relação constituiu parte do eu da alienígena, é na auto confrontação com o espelho que ela percebe essa sensibilização pelo outro a partir de um reconhecimento desse rosto.

> Quando consideramos as formas comuns de que nos valemos para pensar sobre humanização e desumanização, deparamo-nos com a suposição de que aqueles que ganham representação, especialmente autorepresentação, detêm melhor chance de serem humanizados. Já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos. (BUTLER, 2011, p. 24)

Tanto a alienígena-mulher quanto o homem deficiente com o rosto reformado são seres que carecem de representação. Butler (2011) coloca que a representação do humano é impossível, porém é necessário que mostre essa falha, porque "o rosto não é "apagado" nessa falha de representação, mas é constituído exatamente nessa possibilidade." (BUTLER, 2011, p. 27). Desse modo, a falha de representação também é aquilo que constitui esses personagens.

Laura encontra com a sua alteridade por meio da sua relação com o outro, mas também com sua relação com o espelho/pele que a confronta durante todo o filme. Nesse atravessamento do sensível ao encarar o seu outro no espelho e no rosto deformado de um homem, ela contempla sua própria existência e como Coccia (2010, p. 93) "é especialmente na roupa, no nosso devir imagem, que experimentamos pela primeira vez a possibilidade de existir fora de nós, para além de nós mesmos.". Sendo assim, a roupa-pele da alienígena faz com ela experimente a vivência de uma mulher por interagir e se relacionar com o mundo.

4 MONSTRO

A personagem Laura, do filme *Sob a Pele*, tem uma monstruosidade em suas características. Além de sua origem vir de um imaginário alienígena, ela enfrenta – por conta da sua performatividade feminina e devir mulher – o feminino enquanto um monstro. O monstro segundo Cohen (2011) é projetado pela cultura e é constituído de deslocamento, que revela "a diferença [...] arbitrária e flutuante, que ela é mutável antes que essencial, o monstro ameaça destruir não apenas os membros individuais de uma sociedade, mas o próprio aparato cultural por meio do qual a individualidade é constituída e permitida." (COHEN, 2000, p. 40). Desse modo, o monstro é aquele que evidencia a mutabilidade da existência.

Já para Safatle (2009, p 210) o monstro é um inumano "que o humano nega para se afirmar como tal. Ele é o que o homem nega para poder reconhecer na imagem do humano". O homem necessita evidenciar essa diferença, essa negatividade do inumano, que é por meio dela que se entende como humano.

Na concepção de Braidotti (1994, p. 77, grifo da autora)

> Monsters are human beings who are born with congenital malformations of their bodily organism. They also represent the in between, the mixed, the ambivalent as implied in the ancient Greek root of the word *monsters*, teras, which means both horrible and wonderful, object of aberration and adoration.[2]

No final do filme, Laura é atacada por um homem enquanto está em uma cabana na floresta, ela foge, mas ele a alcança e tenta tirar suas roupas para abusar dela sexualmente. Porém, ela resiste e tenta soltar-se das mãos dele, nesse momento, ele rasga também a pele dela. A pele que a cobre cai e é revelado, então, que ela tem seu interior preto, apenas com o formato humano. Ela se levanta, enquanto o homem está em choque e corre, e caminha enquanto sua pele vai caindo lentamente. A personagem é mostrada entre as árvores, quase como que estivesse sendo escondida e distanciada, até que desmorona no chão.

Em uma interpretação plástica, essa cena – a qual a personagem alienígena caminha entre as árvores enquanto sua pele desmorona e o homem, que a atacou, foge dela – têm elementos de perspectiva que remetem ao simbolismo.

---

[2] "Monstros são seres humanos que nascem com más-formações congênitas em seu organismo corporal. Eles também representam o intermediário, o misto, o ambivalente como implicado na antiga raiz Grega da palavra *monstros*, teras, que significa tanto horrível quanto maravilhoso, objeto de aberração e adoração" (BRAIDOTTI, 1994, p. 77, grifo da autora, tradução minha)

Figura 9 – Laura caminhando e, depois, caída entre as árvores

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Enquanto a árvore em foco esconde a personagem, o restante do cenário confunde a perspectiva do que está perto e o que está longe. Essa distorção de perspectiva é comum no simbolismo, que fogem de tentar representar a realidade, mas trabalham com símbolos e com a subjetividade. Por meio de um certo lirismo, pintavam a natureza e formas abstratas, trazendo em foco temas morais e temáticas ligadas à religião, à morte, vida e pecado. Através disso, percebe-se essa influência nos troncos das árvores que são bastantes escuros e com seus galhos praticamente sem folhas combinando com a estética do filme e com a obscuridade da cena.

O homem volta com um galão de gasolina, atira no corpo da alienígena e risca um fósforo, colocando fogo no corpo dela que corre entre as árvores em direção ao nada, em chamas. Seu corpo tomado pelo fogo cai na neve e Laura perece. Essas ações do homem nos mostram como o monstro e a mulher são sujeitos enxergados como tendo uma subjetividade

intolerável, um tipo de subjetividade que o homem não consegue suportar e prefere destruir a entender. Dessa maneira, o homem condena aquilo que não assimila, justamente para não precisar compreender.

O monstro não é compreendido por conta de sua maneira de limitar o humano, mas por que a mulher é tão indecifrável? Tenta-se tirar as mulheres das concepções criadas sobre elas por conta da cultura durante os anos, mas quando é perguntado o que é a mulher, ainda não é possível dar uma definição. Isso se dá justamente por conta de não existir uma essência que defina todas as mulheres. "In feminist theory one speaks as a woman, although the subject "woman," [...] is not an essence defined once and for all but rather the site of multiple, complex, and potentially contradictory sets of experience."[3] (BRAIDOTTI, 1994, p. 199). Ser mulher é ter que afirmar e conviver com essas diferenças entre cada uma das mulheres.

Figura 10 – Laura encarando sua dualidade como monstro e mulher

Filme: *Sob a Pele*, 2013.

Também é possível considerar que o monstro transita por esse lugar de horror e divindade, pois vai além dos limites do humano. É por não entender o monstro – e a mulher – que o homem percebe sua própria limitação como humano. Seres inumanos como os deuses e os monstros reafirmam aquilo que o homem não é e isso faz com que o homem os temam, consequentemente, que os queiram distantes.

[3] "Na teoria feminista, fala-se como mulher, embora o sujeito "mulher" não é uma essência definida de uma vez por todas, mas sim um local de conjunto de experiências múltiplas, complexas e potencialmente contraditórias." (BRAIDOTTI, 1994, p. 199, tradução minha)

Gil (2000, p. 173) argumenta que "é por isso que as diferentes formas do Outro tendem para a monstruosidade: contrariamente ao animal e aos deuses, o monstro assinala o limite 'interno' da humanidade do homem.". A alienígena demonstra ainda mais esse limite do homem, em sua monstruosidade, ela usa da performatividade feminina para atrair os homens e por meio do desejo deles ela consegue que eles se afoguem no líquido sem nem perceberem. O desejo, nesse caso, faz os homens irem além desse limite humano, a ponto, inclusive, de se sacrificarem para satisfazerem seus prazeres. O homem que a ataca, só o faz, pois a partir do momento que a ela mostra sua realidade monstruosa, ele perde a atração e a mata. Encontrando prazer na destruição daquele corpo estranho a ele.

Sua situação é de deslocamento, o corpo monstruoso é sempre uma incerteza e não se fixa em uma essência. Laura está em constante trânsito com seu corpo, de forma a realizar suas ações como alienígena, mas também numa jornada de descobrir-se. Esse percurso é feito não apenas fisicamente, em sua movimentação com a van – e posteriormente com sua própria caminhada – mas também internamente, nesse tráfego entre monstro e mulher. A alienígena tem, então, uma posição de monstro para os homens, já que os caça e os afoga no líquido – que é misterioso e não é possível saber o propósito dele. Ela é uma predadora. Porém, no filme, vemos que ela se torna algo além disso.

Seu devir-mulher é também uma forma de monstruosidade, como Braidotti (1994, p. 80) coloca "the monstrous as the negative pole, the pole of pejoration, is structurally analogous to the feminine as that which is other-than the established norm, whatever the norm may be."[4]. Desse modo, ser feminino é estar nessa negatividade para a sociedade assim como o monstro. A norma é o homem, a mulher é a anomalia. Essa semelhança da mulher com o monstro se dá de diversas maneiras. Além da negatividade e alteridade, que ambos compartilham, a mulher também é vista pelo ângulo da admiração e medo. A mulher é, para a sociedade, um ser divino por poder dar à luz e gerar vida, mas há também uma suspeição sobre o mistério feminino e as coisas horríveis que uma mulher pode fazer.

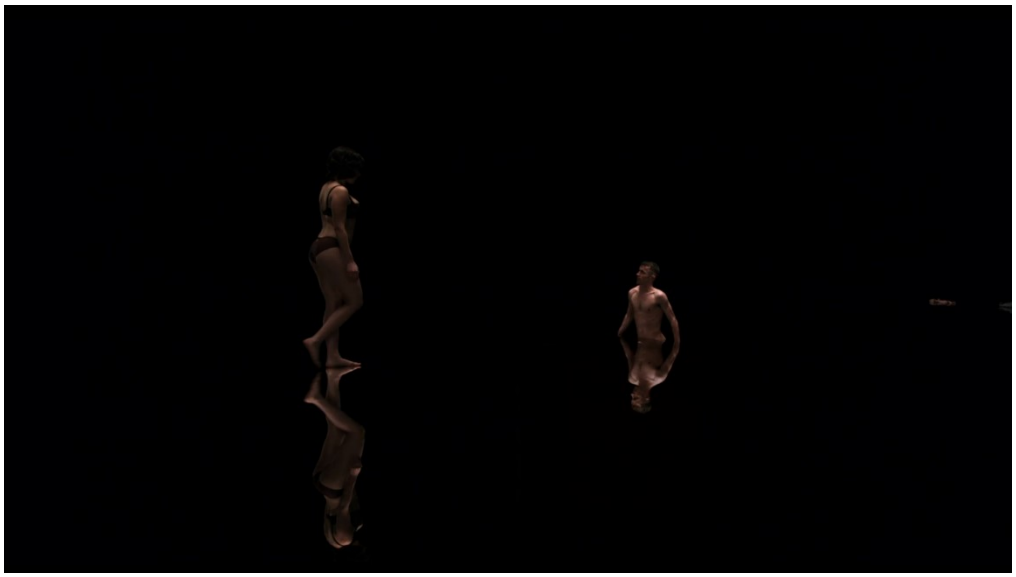
> A mulher que ultrapassa as fronteiras de seu papel de gênero arrisca tornar-se uma Scylla, uma Weird Sister, uma Lilith ("die erste Eva", "la mère obscuré"), uma Bertha Mason, ou uma Gorgon. A identidade sexual "desviante" está igualmente sujeita ao processo de sua transformação em monstro. (COHEN, 2000, p. 35)

[4] "o monstruoso como o polo negativo, o polo da pejoração, é estruturalmente análogo ao feminino como aquilo diferente da norma estabelecida, qualquer que seja a norma." (BRAIDOTTI, 1994, p. 80, tradução minha)

Em vista disso, a mulher que não busca seguir os padrões de doçura, feminilidade e passividade que a sociedade espera é encarada como esse ser transgressivo, assim como o monstro. Entretanto, não é esperado de Laura que siga o padrão de feminilidade, pois ela não é uma mulher desviante de sua identidade de gênero, mas o contrário, é um alienígena que converge para uma identidade de gênero.

A vida humana começa dentro de um recipiente com líquido, é ali que o humano é gestado. No filme, a alienígena atrai os homens para a morte em um recipiente com líquido negro. Esse paralelo é muito emblemático, já que essa característica do corpo feminino retorna na história como monstruosidade. E a própria gestação que é vista como algo divino pela sociedade, algo pelo qual a mulher foi agraciada por poder gerar uma vida, regressa como algo maldito. A mulher-monstro seduz esses homens enquanto tira sua roupa e os hipnotiza com o olhar, o homem também se despe e acaba assim regressando à origem: ao útero feminino e a sua não-existência.

Figura 11 – Homem afundando no líquido hipnotizado com Laura



Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

Essa maneira que Laura mata os homens é mais uma característica de predação. Laura é uma predadora através de sua performatividade feminina, mas também por meio de sua monstruosidade. Para afogar os homens, Laura se despe de suas roupas, utilizando a sensualidade para os hipnotizar. Porém, no final do filme, ela também é despida – violentamente – de sua pele que é exposta sua monstruosidade como alienígena. O interior preto no formato anatômico humano pode ser comparado com o fetiche de dominatrix, que são mulheres que usam couro preto justo de forma sensual e dominam seus parceiros – normalmente homens – de maneira a controlar o que eles podem ou não fazer.

As mulheres dominatrix podem usar lingeries que se encaixam em um padrão mais normativo ou há também quem faça uso de couro em todo seu corpo, cobrindo também a face, lembrando muito a anatomia enegrecida da personagem alienígena e sua monstruosidade. Tal semelhança com a dominatrix remete ao sadismo, que é o prazer com a dor e sofrimento alheio. Nesse caso, a personagem não sente prazer em causar a morte dos homens, mas é sua indiferença com o desejo deles e o fato de não os saciar que os faz sofrer, ou seja, que faz com que sua missão seja completa.

Enquanto Laura encara seu rosto feminino, o homem vem pelas suas costas e joga gasolina em seu corpo, ela corre meio sem rumo para um campo aberto cheio de neve. A morte da personagem se dá ali, ao passo que o fogo vai se extinguindo, a vida de Laura também.

Figura 12 – Morte de Laura

Fonte: *Sob a Pele*, 2013.

A cena da sua morte encerra não somente o filme, mas a jornada de descobrimento dessa personagem e reafirma sua transformação em devir mulher. Braidotti (2013, p. 134) coloca que "beyond pleasure and pain, life is a process of becoming, of stretching the boundaries of endurance"[5]. A vida não é fixada em nenhum tipo de essência, viver é estar em desenvolvimento. Laura viveu na Terra inicialmente como alienígena performando feminilidade e depois indo de encontro ao tornar-se mulher.

[5] "além de prazer e dor, a vida é um processo de transformação, de esticar os limites da resistência." (BRAIDOTTI, 2013, p. 134, tradução minha)

5 CONCLUSÃO

No filme Sob a Pele, tudo se inicia como uma forma de a alienígena Laura apenas realizar sua ação como predadora, mas a sua relação com o mundo a torna mulher. Sua interação com o universo feminino e posteriormente com opressões que as mulheres sofrem vão impactando-a através do filme. Braidotti (1994, p. 116) coloca que "the becoming-woman of women is the subversive process.". Ou seja, o processo de devir mulher dessa personagem é subversivo, não somente por ela ser uma alienígena, mas por tornar-se mulher em primeiro lugar, antes de ser humana.

É por meio dos espelhos, que durante o filme, a personagem se reconhece mulher. O espelho mostra seus momentos de performatividade feminina com aquela roupa pela qual ela passa a se reconhecer. Sua roupa se torna sua pele e Coccia (2010, p.88) diz que "nossa relação com o mundo é aquela definida pela roupa.". Portanto, é a imagem sensível que afirma que ela está no mundo e a faz procurar entender sua própria existência.

A maneira com que ela é vista pode ser comparado com a monstruosidade. Laura é duplamente monstruosa: por ser um ser de outro planeta que não sabemos o que é e por ser uma mulher. O monstro é marcado por mostrar os limites do humano e assim como a mulher, ambos são considerados pela sociedade anomalias. Como a normatividade é definida pelo o homem, ser monstro e mulher torna a personagem um outro, um ser intolerável e incompreensível.

Mas como a personagem feminina torna-se mulher antes mesmo de ser humana? Laura tem uma jornada onde é afetada por sua relação com o mundo. É a partir do outro que ela vai ser comunicada desse devir mulher. Ao longo de todo o filme ela vai mostrando a construção de gênero que nela se fixa por performar o feminino, mas é quando ela se torna sensível a sua roupa e imagem, que esse devir mulher vem ao seu encontro. Porém, em nenhum momento do filme ela humaniza-se, apesar de todas as tentativas dela de sentir alguma humanidade por meio do paladar, do desejo, da música, sua humanização não ocorre. Ela morre como a alienígena monstruosa indecifrável que é, e como mulher que se tornou.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. A Experiência Vivida. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Fatos e Mitos. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic Subjects**. Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory. 2. ed. New York Chichester: Columbia U. P., 1994

BRAIDOTTI, Rosi. **The Posthuman**. Malden: Polity Press, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e Subversão da Identidade. 18. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. Vida Precária. **Revista Contemporânea**. São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13 – 32. Disponível em: http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18. Acesso em: 13 outubro 2020.

CAVALVANTE, Raphael Aragão de Carvalho; MAGALHÃES, Luiz Antonio Mousinho. **Sob a pele**: De organismo à Corpo sem Órgãos através da produção de presença. 2017. Artigo (Congresso) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1487-1.pdf. Acesso em: 17 maio 2020.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2010.

COHEN, Jeffrey Jerome. A Cultura dos Monstros: Sete Teses. In. SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

HETTINGA, Lieke. Encountering Unruly Bodies: Posthuman and Disabled Bodies in Under the Skin. **Revista Digressions**, Amsterdã, v. 1, n. 2, p. 19-30. 2016. Disponível em: http://www.digressions.nl/wp-content/uploads/Digressions-2016-Volume-1-Issue-2-Complete.pdf#page=22. Acesso em: 17 maio 2020.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In. ZIZEK, Slavoj (Orgs.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97-103.

GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In. SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 165-183

NOVAES, Adauto. (Orgs). **A Condição Humana**. As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações. São Paulo: Agir, 2009.

O'BRIEN, Candace E. C. **Becoming Female**: Mirroring Identity in Jonathan Glazer's Under the Skin. 2016. Tese (Mestrado) Savannah College of Art and Design, Savannah. Disponível em: https://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C%3Ahttp%5C%3A%5C%2F%5C%2Fecollections.scad.edu%5C%3Ad1003434. Acesso em: 17 maio 2020.

SAFATLE, Vladimir. Sobre a potência política do inumano: retornar à crítica ao humanismo. NOVAES, Adauto. (Orgs). **A Condição Humana**. As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações. São Paulo: Agir, 2009. p. 199-2020

SOB a Pele. Direção: Jonathan Glazer. Produção: James Wilson, Nick Wechsler. Suíça, Reino Unido, Estados Unidos, 2013. (108min). Produzido por: BFI, Film4.

SUPPIA, Alfredo. A função da "atmosfera" e o efeito de "fantástico" no cinema de ficção científica lo-fi contemporâneo: os casos de Love, Sound of my Voice e Under the Skin. **Revista Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 126 – 139, jan./abr. 2018. Disponível em: https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/14. Acesso em: 17 maio 2020.

VIEIRA, Marcos Sardá. Relativa Vulnerabilidade. Gênero e Natureza Humana no Filme "Sob a Pele". **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 28, p. 85 – 92, jul./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/24175. Acesso em: 17 maio 2020.

WOLFF, Francis. As Quatro Concepções do Homem. In. NOVAES, Adauto. (orgs). **A Condição Humana**. As Aventuras do Homem em Tempos de Mutações. São Paulo: Agir Editora Ltda, 2009. p. 37-73.

WOOLF, Virginia. **Três guinéus**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.